

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

Lídia Pereira Dias

**A RELAÇÃO MENTE/CORPO EM ESPINOSA E SUAS IMPLICAÇÕES NA NOÇÃO
DE AFETO**

Maceió
2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

Lídia Pereira Dias

**A RELAÇÃO MENTE/CORPO EM ESPINOSA E SUAS IMPLICAÇÕES NA NOÇÃO
DE AFETO**

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado ao departamento de filosofia, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de licenciada em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Sacha Zilber Kontic

Maceió

2024

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária: Helena Cristina Pimentel do Vale CRB-4/661

D541r Dias, Lídia Pereira
A relação mente/corpo em Espinosa e suas implicações na noção de afeto / Lídia
Pereira Dias. – 2024.
39 f.

Orientador: Sacha Zilber Kontic.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso – Filosofia) – Universidade Federal
de Alagoas, Instituto de Ciências Humanas, Comunicações e Artes. Curso de
Filosofia, Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 39.

1. Spinoza, Benedictus de, 1632-1677. 2. Substância (Filosofia). 3. Atributos.
4. Mente e Corpo (Filosofia). 5. Afeto. I. Título.

CDU: 17

Folha de Aprovação

Lídia Pereira Dias

A RELAÇÃO MENTE/CORPO EM ESPINOSA E SUAS IMPLICAÇÕES NA NOÇÃO DE AFETO

Trabalho de conclusão de curso (TCC) submetido ao curso de licenciatura em Filosofia, no Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes (ICHCA), da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) – Campos A. C. Simões –, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de licenciada em Filosofia.

Data de Defesa: 03.04.2024

Orientador: Prof. Dr. Sacha Zilber Kontic (UFAL)

Examinador: Prof. Dr. Taynam Santos Luz Bueno (UFAL)

Examinador: Prof. Dr. Fernando Monegalha (UFAL)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a prof. Dra. Taynam Bueno, minha primeira orientadora, por tornar esse trabalho possível desde o início. Sua generosidade e empatia foram de extrema importância, de tal modo que, sem ela, eu não teria feito metade do que fiz na graduação.

Agradeço ao prof. Dr. Fernando Monegalha, meu segundo orientador, por aceitar o desafio de me orientar, por sua paciência e atenção, sem as sugestões dele eu não teria dado prosseguimento a este trabalho.

Agradeço ao prof. Dr. Sacha Kontic, meu terceiro orientador, por sua contínua cordialidade e assertividade. Meu trabalho foi agraciado por sua inteligência e competência.

Agradeço a minha mãe, Rita, por sua vitalidade gentil ao me chamar para perto de si. Agradeço ao meu pai, Cícero, por sua força e por me lembrar que quando eu pensar não poder fazer algo, algo em mim pode. O suor do trabalho de ambos, seus sacrifícios e braços abertos me trouxeram e nutrem.

Agradeço ao meu parceiro, Adelson. Por me ajudar na lida com a ansiedade e afetos tristes, por deixar eu habitar em seu corpo e mente, quer esteja num céu ou num inferno.

Agradeço a minha irmã, Laíse, por me ajudar a realizar meus desejos, seu amor é uma certeza, e sua imagem uma semelhança. Agradeço ao meu irmão, Cícero, por sempre perguntar se estou bem e me oferecer sorrisos alegres e abraços gentis.

Agradeço a Lucas Marinho, por ler meu texto e trazer sugestões, por sua disponibilidade e amizade. Conversar com ele foi necessário para execução desse trabalho.

Agradeço aos meus amigos e colegas de curso, Ângelo, Cesar, Goodson, Jaqueline, Mikael, Samara, por toda bebedeira alegre, pelas conversas malucas, pelas conversas sérias, pelas discussões filosóficas, pelo apoio e afetividade. foi um prazer conhecer e conviver com cada um deles.

Agradeço a todos os professores do curso de filosofia da UFAL.

RESUMO

Em nosso trabalho buscamos destacar a importância dos afetos, os quais foram estudados por Espinosa em sua obra *Ética*. Para tanto percorremos uma trajetória essencial: partimos do entendimento do que o filósofo concebe por substância - Deus ou natureza – e avançamos para a compreensão das produções de sua essência: os atributos e os modos. Em seguida, apresentamos como se dá a relação mente e corpo e as consequências dessa união, que é, na teoria do filósofo, uma relação de simultaneidade e unidade. A relação entre corpo e mente é de suma importância para a compreensão da *Ética* de Espinosa, pois os afetos gerados pela interação corpo/mente influenciam diretamente as ações humanas. Tal percurso possibilitou a adequada compreensão dos afetos e de seus engendramentos.

Palavras chave: Substância; Atributos; Modos Relação mente/corpo; Afetos;

ABSTRACT

In this paper, we aim to present the importance of the affects studied by Espinosa in his work *Ethics*. We followed an essential trajectory: starting from the understanding of the philosopher conceives as substance – God or nature - and advancing to the comprehension of the Productions of essence: attributes and modes. We also present how the relationship between mind and body unfolds and the consequences of this union, in which, in the philosophers' theory, it is one of simultaneity and unity. The relationship between body and mind is of a Paramount importance for understanding Espinosa's *Ethics*, as the affects generated by the interaction between body/mind directly influence human actions. This Journey enabled an adequate understanding of affects and their developments.

Keywords: Substance; Attributes; Modes; Mind/body relationship; Affects.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 7 |
| CAPÍTULO 1: A forma dos afetos | 10 |
| 1.1. Parte I e II da <i>Ética</i> : a concepção de Deus e da mente..... | 11 |
| CAPÍTULO 2: A relação mente e corpo | 15 |
| 2.1. O problema do paralelismo na relação mente/corpo | 17 |
| 2.2. o corpo e a mente, afecção e afeto | 26 |
| CAPÍTULO 3: Afetos e sua relação com a ideia adequada | 29 |
| 3.1 O que é uma ideia adequada?..... | 32 |
| 3.2. <i>Conatus</i> | 34 |
| CONCLUSÃO | 36 |
| REFERÊNCIAS..... | 38 |

INTRODUÇÃO

A filosofia de Baruch de Espinosa é marcada por uma abordagem sistemática de Deus, que ele chamará tanto de Substância, quanto de Natureza. Em seu pensamento tal concepção é fundamental, já que a natureza é identificada como o próprio Deus. Nessa perspectiva, Deus é entendido como aquilo que existe em si mesmo e é concebido por si mesmo. Uma essência eterna e infinita que abarca toda realidade.

Buscamos salientar como o filósofo desafia a visão antropomórfica de Deus, concebendo-o não como uma entidade dotada de vontade criadora, mas como uma causa livre que age de acordo com a necessidade de seu próprio ser. Deus é, portanto, causa imanente de tudo que existe, a Natureza em seu aspecto criativo e dinâmico, um princípio gerador e ordenador de todas as coisas.

A substância, tal como Espinosa a compreende, é uma verdade eterna e infinita. A partir dela todas as coisas existem e derivam. Espinosa dedica-se a demonstrar que Deus existe necessariamente e é causa primeira, concedendo existência sem intencional fazê-lo, mas através de sua potência intrínseca. A liberdade da substância, reside em sua própria natureza, e seu caráter de infinitude não abarca limitações ou determinações externas. Ressaltamos a importância de compreender tais conceitos para a adequada apreensão da natureza divina em Espinosa, onde Deus é causa imanente a seus efeitos.

Sua unicidade expressa-se através de uma infinidade de atributos, dos quais podemos conhecer dois: atributo extensão e atributo pensamento. Tais atributos são expressões da essência e existência da substância, e manifestam-se numa variedade infinita de modos. Abordaremos também a distinção entre o finito e o infinito na filosofia de Espinosa. Destacando que o finito é aquilo que pode ser limitado por outrem, enquanto o infinito é a existência absoluta da substância.

Os modos são apresentados como modificações da substância, produzidos pelos atributos, porém, finitos, determinados e dependentes da substância para existir. O corpo e a mente, considerados modificações dos atributos, são singulares e compõem o humano, que por sua vez distingue-se da essência da substância.

A relação entre corpo e mente é uma noção complexa e fundamental para a compreensão da *Ética* como um todo. Corpo e mente, estão conectados de tal modo que a mente pensa e percebe o corpo, por essa razão o corpo é objeto da mente. Ao contrário da

dualidade cartesiana, Espinosa concebe mente e corpo como modos distintos dos atributos da substância, entretanto, inseparáveis e simultâneos.

Nosso trabalho irá explorar a noção de “paralelismo” atribuída à relação entre corpo e mente. Os atributos pensamento e extensão são autônomos e isonômicos, mas produzem modos que se relacionam de forma complexa. Alguns comentadores argumentam que o paralelismo é apropriado para descrever a relação corpo/mente, outros discordam, sugerindo que usar o termo para definir ou caracterizar a relação pode levar a uma compreensão dualista e simplista da união mente/corpo.

A interação entre mente e corpo, torna possível a existência de uma variedade singular em cada ser humano. Tal singularidade é recoberta de afetos, afecções, paixões e ações. A busca pela compreensão desses afetos e pela formulação de ideias adequadas é essencial para agir em conformidade com a própria natureza e alcançar uma vida ética e virtuosa.

A relação entre corpo e mente é explorada como uma união na qual um atravessa o outro, mas não determina. A mente forma ideias a partir das afecções do corpo, produzindo afetos que aumentam ou diminuem a potência de agir. Tais afecções, geram ideias que podem ser adequadas (determinadas pela própria natureza) ou inadequadas (externamente determinadas). A ação em conformidade com a própria natureza requer a formulação de ideias adequadas, o que implica entender o que apetece ao *conatus* de cada um. A relação mente/corpo é central na determinação das ações humanas, pois os afetos gerados pela percepção da mente das afecções do corpo, influenciam diretamente as decisões e comportamentos.

A busca pelo que é bom e a aversão pelo que é mau são orientadas pelos afetos produzidos pelas ideias adequadas e inadequadas. A obtenção de uma ideia adequada envolve um método que inclui a reflexão sobre as próprias ideias e a compreensão de sua verdade, não apenas em termos de “verdade” e “falsidade”, mas em relação à sua composição e à natureza da mente que a possui. Uma ideia adequada exprime a essência divina como causa e está em conformidade com a natureza da mente que a pensa, sendo, portanto, internamente determinada. Dessa maneira, implica mais do que apenas realizar uma ação física, mas também estar em acordo com o *conatus* do indivíduo, sendo internamente determinado para agir adequadamente.

Nesta introdução, delineamos as principais concepções de Deus como substância na filosofia espinosana. Destacando sua visão não antropomórfica e a relação entre mente e corpo como modos distintos da mesma substância. Assim também, os desdobramentos de noções fundamentais como afeto, afecção, paixão e ação. Esses conceitos fornecem a base

para a compreensão do sistema filosófico de Espinosa e sua abordagem única para questões metafísicas e éticas. Ao longo desse trabalho, exploraremos com maior profundidade essas ideias e sua relevância para a compreensão da *Ética* – Obra prima de Espinosa.

CAPÍTULO 1: A FORMA DOS AFETOS

“Quero, agora, voltar[-me] àqueles que, em vez de compreender, preferem abominar ou ridicularizar os afetos e as ações dos homens”, essas palavras encontram-se no prefácio da terceira parte da *Ética*¹ de Espinosa, no sexto livro do autor (concluído em 1675 e publicado, após sua morte, em 1677). É através do pensamento que emerge da passagem que usamos para iniciarmos nosso texto, bem como de outros trechos que serão citados, que, por meio do pensamento ousado de Espinosa, pretendemos pensar algumas questões fundamentais, ou seja: *Que são afetos? Que são paixões?* Ou mais precisamente, *de que forma os afetos incidem no agir humano?* São a partir de tais questões que iremos desdobrar nossas considerações filosóficas.

No entanto, antes que tratemos do cerne de nosso trabalho, por meio das questões que levantamos inicialmente, precisamos expor algumas considerações sobre nosso autor. Baruch Espinosa é considerado por muitos estudiosos do meio filosófico como um dos mais importantes pensadores da história da filosofia no ocidente. Ao longo de suas iniciativas filosóficas, principalmente em uma de suas mais notáveis obras (nomeada em latim de *Ethica ordine geometrico demonstrata – Ética demonstrada à maneira dos geômetras*), Espinosa desenvolveu um pensamento profundo acerca da natureza dos afetos humanos, sobretudo na parte III e IV da obra. Por isso, ao longo da história das ideias filosóficas, Espinosa foi um dos poucos filósofos que efetuarum um estudo sobre a natureza dos afetos, e são através de seus escritos éticos que buscaremos compreender o que passa pela potência que há nos afetos descritos por ele.

De mais a mais e em ressonância com o filósofo, ao nos voltarmos sobre suas concepções sobre os afetos, não podemos senão concordar que os afetos em sua forma crucial “[...] seguem-se da mesma necessidade e da mesma virtude da natureza das quais se seguem as outras coisas singulares” (ESPINOSA, 2021, p. 235). Por isso, antes de entrarmos intensamente no assunto que nos propomos a desenvolver nessa parte de nosso trabalho, acreditamos ser importante fazer uma breve apresentação de algumas teses fundamentais que Espinosa propõe em sua *Ética*. A princípio, partiremos da explanação das compreensões que

1 Citaremos desta forma as passagens da *Ética* de Espinosa: *E* refere-se ao título (*Ética*); I, II, III, IV e V, referem-se às partes nas quais a *Ética* está dividida. Além disso, utilizaremos as seguintes abreviações; prop. (proposição); dem. (demonstração); esc. (escólio); def. (definição); corol. (corolário); expl. (explicação); pref. (prefácio); quanto às citações de axiomas e lemas, manteremos os nomes sem abreviação.

nos trazem a parte I e II da obra, posto que, seguindo esse caminho, acreditamos se ampliar o espaço para nos aprofundarmos na compreensão acerca da natureza dos afetos e nas implicações que se seguirão.

1.1. Parte I e II da Ética: a concepção de Deus e da mente

Na parte I, o filósofo firma a ideia de que Deus é uma substância, sendo ela a própria Natureza. Deus é então concebido enquanto Natureza (naturante), isto é, segundo as palavras de Espinosa: “estimo estar estabelecido que por Natureza naturante nos cumpre entender aquilo que é em si e é concebido por si, ou seja, os atributos da substância, que exprimem uma essência eterna e infinita, isto é, Deus enquanto considerado como causa livre.” (E, I prop. 29, esc.)². Assim, as oito primeiras proposições da parte I demonstram a unidade substancial, ou seja: a existência de uma única substância, que se expressa através de infinitos atributos, sendo tais atributos exprimidos através de uma infinidade de modos finitos. Para dar base ontológica à sua filosofia, Espinosa pensa Deus, a substância ou o que é o mesmo, a *causa sui* (causa de si), como aquilo que existe em si mesmo, e não pode ser concebido como não existente. Nele, são o mesmo, portanto, essência e existência.

Assim, antes de prosseguirmos, vale a pena esclarecer como devemos tratar o conceito de “Deus” na obra de Espinosa, trazemos, por isso, um recorte das palavras do autor:

De fato, todos os preconceitos que aqui me incumbem de denunciar dependem de um único, a saber, os homens comumente supõem, que as coisas naturais agem, como eles próprios, em vista de um fim; mais ainda, dão por assentado que o próprio Deus dirige todas as coisas para algum fim certo: dizem, com efeito, que Deus fez tudo em função do homem, e o homem, por sua vez, para que o cultuasse. Esse único preconceito, portanto, considerarei antes de tudo, buscando primeiro a causa por que a maioria lhe dá aquiescência e porque todos são por natureza tão propensos a abraçá-lo.³

² No escólio da mesma proposição o autor em seguida define a Natureza naturada: “Por natureza naturada, entretanto, entendo tudo aquilo que segue da necessidade da natureza de Deus, ou seja, de cada um dos atributos de Deus, isto é, todos os modos dos atributos de Deus, enquanto considerado como coisas que são em Deus, e que sem Deus não podem ser nem concebidas.” Com essa nota, temos a intenção de esclarecer que Deus é o absoluto, dessa maneira natureza naturante e natureza naturada são como que duas maneiras de falar acerca da essência da substância, uma enquanto causa (natureza naturante) e outra enquanto efeito (natureza naturada).

³ ESPINOSA, 2011, p.111

Usamos tal citação para apresentar o pensamento do autor no seguinte aspecto: Espinosa toma Deus como um conceito que a mente forma, um termo em uma demonstração⁴, não como uma mera imagem apenas produzida pela faculdade da imaginação, antropomorfizada; mas como um elemento do qual Espinosa necessita para construir seu sistema filosófico. A título de exemplo, Marilena Chauí observa e circunscreve bastante bem “a ideia adequada de Deus”⁵ em Espinosa. Segundo o pensamento de nossa autora, Deus, na *Ética*, não é uma vontade que cria segundo seu bel-prazer, nem um príncipe ou legislador que governa o mundo e aplica sua justiça sobre suas criações. Deus é livre, e age somente pela necessidade de sua natureza: nele, liberdade e necessidade coincidem, isso porque Deus não é determinado a agir por outra coisa que não pela necessidade de sua essência.

Por isso, seguindo o pensamento de nosso autor, ao afastarmos Deus da imagem simplista ou antropomorfizada que comumente se faz dele, estaremos mais próximos de como Espinosa o compreende: isto é, como um grande tecido, uma superfície para todas as coisas, que está nas coisas tanto quanto as coisas estão nele⁶: *Deus sive Natura*. Ao pontuar isso, desejamos apenas que se faça compreendida sem pré-concepções a natureza da *Substância* na filosofia de Espinosa.

Sub specie aeternitatis: a partir da substância e na substância existem todas as coisas, sendo assim, a Substância é uma verdade eterna, a qual a duração não mede. Em todo o livro I, Espinosa dedica-se a demonstrar que Deus existe necessariamente, e que, a partir de sua potência, todo o real se produz. À natureza naturante, “pertence” o existir, ela não pode ser concebida como não existente. Deus é a causa primeira do filósofo, o ente que “cede” existência, e cede sem intenção, cede porque é sua potência fazê-lo.

4 Não pretendemos reduzir “Deus” a uma representação do sujeito. Explicitamos que ele é a base a partir da qual Espinosa constrói o seu sistema. Pensamos, contudo, na importância de desvinculá-lo da religião, pois essa nos parece ser uma das propostas do filósofo (Cf. E II, Prop. 3, esc.). No mais, por “termo em demonstração” remetemos ao movimento que ocorreu nas proximidades do início da idade moderna, quando os problemas antes discutidos pela teologia passam a ser tratados pela filosofia (enquanto metafísica) como aponta Jean-Luc Marion no capítulo “God” do livro *The Cambridge History of Seventeenth-Century Philosophy*: “The seventeenth century marks a significant moment in thought concerning the definition of God. This is the period in which the radical position of subjectivity is replaced by the impersonal recognition of transcendence as a point of departure of philosophical reflection – God is now a term in a demonstration, and no longer the assumed goal of a journey towards Him. And philosophy, until this time explicitly constituted by metaphysics (*metaphysica, philosophia prima, then ontologia*), has to transpose into the new domain of rationality certain problems and concepts previously treated only by revealed theology (*theologia, sacra scientia*).” (Marion, J. Volume I, 1998, p.265).

5 Ver Marilena Chauí; Espinosa: uma filosofia da liberdade Moderna, 1995 p.43 à 52

6 Tal como Deleuze, no capítulo “Espinosa e nós” em *Espinosa: filosofia prática*, apontamos o caráter imanente da filosofia Spinozana, “Uma única Natureza para todos os corpos, uma única Natureza para todos os indivíduos, uma Natureza que é ela própria um indivíduo variando de uma infinidade de maneiras.” (DELEUZE, 2002, p. 127)

Não se deve pensar os efeitos da substância como “criados” por uma intencionalidade ou vontade. Os atributos são a expressão da essência e existência da substância, que a manifestam e demonstram em diversos modos, como veremos mais adiante. Eles não são, de forma alguma, suas criaturas, são a explicação e implicação de sua potência. Desse modo, não há intenção em criar seres na natureza da substância. Faz parte de sua essência uma existência que compreende simultaneamente a existência de suas afecções.

Somente uma substância que produz sua própria existência, ou seja, que é causa de si, *causa sui*, pode abarcar a existência de seus efeitos, esses, nomeados “natureza naturada”. Ademais, Deus enquanto causa sui, fundamenta o real na medida em que exprime-se nos atributos, que por sua vez, exprimem-no, ou seja, exprimem sua essência. Ao exprimirem essa essência, os atributos concebem a si mesmos e exprimem-se nos modos finitos que são as modificações destes.

O conceito de *causa sui*, subentende e remete à substância, já que “Toda substância é substância por ser causa de si mesma (causa de sua essência, de sua existência e da inteligibilidade de ambas) e, ao causar-se, causa a existência e a essência de todos os seres do universo. A substância é, pois, O absoluto.”⁷

O que quer que exista, existe ou em si mesmo ou em outra coisa (por causa/meio de outra coisa) sem possibilidade de que seja de outra forma. Isso porque no sistema proposto pelo filósofo a contingência não se aplica a Deus e ao seu modo de produzir.⁸

Deus causa a si mesmo, e os modos da substância, a natureza naturada, são efeitos. A substância é, portanto, única e se expressa de infinitas maneiras através dos atributos, e, inversamente, eles a exprimem de infinitas maneiras⁹. Ela é a causa ontológica e gnosiológica de todo o real. Os atributos, por sua vez, são parte expressiva e constitutiva da substância e ao exprimirem sua essência produzem os modos, entendidos como suas afecções e existentes apenas porque nela são concebidos.

Da afirmação de que a substância existe necessariamente, se segue a necessidade de que sua existência seja infinita, já que, se sua essência é e produz existência, ela deve

⁷ CHAUI, M. 1999, p. 46

⁸ Deus não é possuído por uma vontade criadora que lhe faz escolher o que criar de modo que o real poderia ou pode ser diferente conquanto ele o queira. “As coisas não poderiam ter sido produzidas por Deus de nenhuma outra maneira nem em qualquer outra ordem que não naquelas em que foram produzidas.” (E, I, prop. 33)

⁹ Apesar de afirmar que a substância expressa sua essência através dos atributos numa infinidade de maneiras e não poderia ser diferente já que a substância é infinita, ver E, I, prop. 9. Na *Ética*, Espinosa, debruça-se apenas sobre dois atributos da substância, o atributo extensão e o atributo pensamento, que são os que produzem os modos que compõem o humano.

necessariamente existir, ou então, não poderia ter a existência como essência. Na parte I isso é demonstrado, inicialmente, pela definição seis¹⁰ assim como também pela proposição oito¹¹. A definição de uma coisa eterna diz respeito apenas à substância, nela não há limitação ou negação, pois, seu conceito implica a inexistência de outro ser que a limite¹².

Um ponto que vale salientar é que Deus é livre. E o que há para dizer dessa liberdade senão que não há coerção na natureza da substância? Seu agir se iguala a seu ser, e isso significa que ela age apenas pela necessidade de sua essência. O cerne da liberdade da substância espinosana é sua existência em si mesma, o que implica na existência de apenas uma substância. Lembramos que uma das “características” da substância é ser infinita e esse caráter de infinidade não pode ser limitado, determinado por outrem ou mesmo mensurado (a substância está aquém da duração). Não por acaso, Espinosa admite apenas uma substância. Ele parte dos princípios da filosofia cartesiana, mas pensamos, que em certo sentido, mais atento¹³.

Aqui, findamos com as observações acerca da natureza divina no sistema espinosano. Foi necessário apresentar tais conceitos para seguir com a temática proposta, já que Deus é causa imanente a seus efeitos, os modos devêm dele, implicam-no.

10 “Por Deus compreendo um ente absolutamente infinito, isto é, uma substância que consiste de infinitos atributos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita.” (E, I, def. 6)

11 “Por eternidade compreendo a própria existência, enquanto concebida como se seguindo, necessariamente, apenas da definição de uma coisa eterna.” Espinosa continua na explicação da definição: “Com efeito, uma tal existência é, assim como a essência da coisa, concebida como uma verdade eterna e não pode, por isso, ser explicada pela duração ou pelo tempo, mesmo que se conceba uma duração sem princípio nem fim.” (E, I, def. 8)

12 E, I, prop. 5

13 Ver Deleuze, *Espinosa e o problema da expressão*, (São Paulo, Editora 34, p. 31 a 41)

CAPÍTULO 2: A RELAÇÃO MENTE E CORPO

Em sentido oposto ao infinito, o finito compreende o que pode ser limitado por outrem da mesma natureza, ou seja, aquilo que é coagido e determinado: os modos finitos (modificações) da substância. Todas as modificações da substância são modos, inclusos estão os corpos e as relações de movimento e repouso, as mentes, e suas respectivas produções: as ideias. A existência absolutamente infinita da substância, não se aplica aos modos, o que podemos notar explicitamente a partir das definições dois e cinco da primeira parte da *Ética*. As modificações da substância são determinadas, finitas e necessitam de outrem que as conceba.

Acerca dos atributos, Espinosa explica que nos é possível o conhecimento de apenas dois dos infinitos atributos da substância: atributo pensamento e atributo extensão. O atributo pensamento envolve e explica as ideias, e o atributo extensão, do mesmo modo, envolve e explica a extensão, isto é, o movimento e repouso dos corpos. Sendo assim, os modos que nós conhecemos têm como origem esses dois atributos distintos: atributo pensamento, produzindo as modificações das ideias e mentes, e atributo extensão produzindo as modificações dos corpos que se movimentam e repousam. Eles exprimem a substância de maneiras diferentes, o que não implica que são distintos em natureza; o corpo e a mente são o mesmo. O que lhes põe em relação, e estabelece uma ligação entre ambos, é a substância. Não apenas enquanto é causa primeira, mas enquanto totalidade.

Acerca dos modos no sistema espinosano, vale notar que, na medida em que remetem à substância enquanto causa, ou seja, estão na substância e através da expressão da essência dela, que se dá por meio dos atributos, foram produzidos. Tais modos, diferem de sua causa, precisamente, porque a substância difere daquilo que ela causa¹⁴. Isso implica dizer que o humano, na medida em que é formado de mente e corpo, difere da natureza de Deus apesar de estar contido nela e por ela ser produzido.

Os atributos fazem parte da essência da substância, ou podemos dizer, concordando com Deleuze, que eles exprimem sua realidade: “Assim, não se diz apenas que a definição exprime a natureza da coisa definida, mas que a envolve e a explica. Os atributos não

14 “Com efeito, o que é causado difere da respectiva causa precisamente naquilo que recebe dela” [...] “Por isso, aquilo que é causa, tanto da essência quanto da existência de algum efeito, deve diferir desse efeito tanto no que toca à essência quanto no que toca à existência”. (E, I, prop. 17 esc.)

exprimem apenas a essência da substância, ora a explicam, ora a envolvem”¹⁵. Os atributos da substância são infinitos porque se seguem da necessidade da essência dela. Porque a exprimem, porque explicam e porque a envolvem, não podem ser finitos tal como os modos.¹⁶

Trazemos um pentágono¹⁷:



Pensamos que esse pentágono pode chegar a ilustrar, mesmo que sem grande rigor, a produção da essência da substância. À essência da substância pertence à existência, o existir necessário, e o que se segue disso é a expressão de todas as outras coisas, por isso, ela está na base do pentágono. Os atributos, extensão e pensamento, exprimem, explicam, e envolvem a essência de Deus, por isso, vêm logo após a substância. Os modos, modificações da substância, expressos pelos atributos estão na ponta do pentágono, porque são, a nível existencial, finitos, determinados a existir através da potência de Deus, e não exprimem a essência da substância tal como os atributos; eles são modificações dessa essência, coisas singulares, os efeitos da causa primeira, em última instância seres compostos de partes compostas.

O corpo é uma modificação da substância assim como a mente. O corpo extenso produz movimento, mas não é “movimento ou repouso puro” muito menos apenas extensão.

15 DELEUZE, 2017, p. 18

16 Acerca da passagem do infinito ao finito, ou de como uma substância absolutamente infinita causa, através de modificações (atributos) entes finitos, ver Deleuze, *Espinosa e o problema da expressão*, (São Paulo, Editora 34, p. 209 a 219). Não iremos nos deter nesse tema pois que na *Ética*, Espinosa não o expõe claramente. Entretanto, Deleuze, propõe uma hipótese interessante fundamentando-se numa divisão quantitativa dos atributos da substância.

17 Nossa intenção com essa espécie de gráfico não é figurar o absoluto ou os atributos que expressam a essência da substância, ou seja, seu caráter infinito. Queremos apenas propor uma imagem para que seja possível conceber minimamente a produção da essência substância. Já que os atributos exprimem a essência de Deus e esse é infinito, os atributos também o são. Em acordo com Espinosa, trazemos no pentágono apenas dois dos atributos, assim como o filósofo traz na *Ética*, mesmo afirmando a infinidade deles.

A mente pensante produz ideias, mas sua potência de produzir ideias é determinada. Ambos são modificações dos atributos, são coisas singulares, são as diferentes maneiras pelas quais os atributos da substância exprimem a essência dela.

Na definição dois do livro II, Espinosa nos diz que a essência de uma coisa é o que há quando a causa existe, logo, se a causa é retirada a coisa não existe. Então, pensamos nos modos. Os modos não prescindem jamais da substância, são necessários efeitos, e se eles existem é porque a substância os produziu. Contudo, a essência dos modos difere da essência da substância, ou seja, a essência humana não se iguala à essência divina.

Tal maneira de expressão os torna singulares. Enquanto os atributos exprimem a essência da substância infinitamente, os modos são as modificações da expressão dessa essência. O composto mente/corpo se distingue do que o produz quando existe; o conjunto que corpo e mente formam possui um caráter singular na natureza¹⁸. Corpo e mente seguem-se de uma mesma ordem de conexão de coisas¹⁹.

As coisas são constituídas tanto pela essência formal, quanto pela essência objetiva. A essência formal exprime a realidade material da coisa, sua objetividade e atualidade. A essência objetiva, por outro lado, é a ideia que se forma da realidade material, as imagens mentais, fantasias, a possibilidade virtual projetando-se em direção à atualidade.

Nesse sentido, a ideia torna-se então idêntica ao ideado; dizer isso implica inclusive a conjunção entre mente e corpo: “As ideias do círculo, da árvore ou do corpo humano contêm objetivamente tudo o que o círculo, a árvore ou o corpo humano contêm formalmente.”²⁰ Perceber corpo e mente como unívocos é como ter dois olhos que nos permitem ver a mesma coisa. Se fecharmos um deles, ainda vemos a imagem que se põe, mas cada um dos dois vê a imagem num ângulo diferente, ou seja, de maneira distinta. Essa analogia pode nos ajudar a compreender o que nos traz a compreensão da relação mente/corpo em Espinosa. É de extrema importância, entendermos que o corpo e a mente estão concatenados, só assim poderemos falar de afetos, que é nosso intuito nesse trabalho.

2.1. O problema do paralelismo na relação mente/corpo

18 “Não sentimos nem percebemos nenhuma outra coisa singular além dos corpos e dos modos de pensar.” (E II, axioma 5)

19 “A substância pensante e a substância extensa são uma só e a mesma substância, compreendida ora sob um atributo, ora sob outro. Assim, também um modo da extensão e a ideia desse modo são uma só e a mesma coisa, que se exprime, entretanto, de duas maneiras.” (E II, esc. da prop. 7)

20 JAQUET Chantal, 2011, p.23

A proposição 7 da parte II da *Ética* irá introduzir uma questão muito cara à filosofia de Espinosa, a saber, a relação mente/corpo. Para Espinosa o corpo e a mente, duas realidades que compõem o humano, são modos dos atributos extensão e pensamento. Nesse aspecto, Espinosa não está distante de Descartes, ou seja, no que diz respeito a compreensão do homem como composto de extensão e pensamento. No entanto, há entre os dois filósofos uma diferença crucial. Para Descartes o pensamento e a extensão são substâncias. Sendo assim, ele concebe duas substâncias distintas. Como fica explícito no capítulo 4 da obra *Metafísica da Modernidade*, de Franklin Leopoldo e Silva:

O problema que acabamos de tratar é o caso limite de uma questão mais geral e que é também a mais difícil entre as que Descartes nos legou: a relação entre o pensamento e a extensão. De um lado, temos a separação absoluta entre substância pensante e substância extensa, que, como vimos, é necessária para a constituição da física. De outro, temos a comunicação íntima entre as duas substâncias, no caso do homem.²¹

É sabido que Descartes busca dissolver as dificuldades da união mente/corpo, com o argumento da glândula pineal, o que, contudo, não resolve a questão. Espinosa, por outro lado, segue um caminho distinto.

Em primeiro lugar, Espinosa afirma na proposição V da parte I: “Na natureza das coisas não podem ser dadas duas ou várias substâncias de mesma natureza, ou seja, de mesmo atributo.” Isso porque, se fosse o caso de existir substâncias distintas, elas deveriam distinguir-se pela diversidade dos atributos ou pela diversidade das afecções, como é desenvolvido na demonstração que segue a proposição. Se essas substâncias fossem distinguidas pela diversidade dos atributos, notaríamos que não há senão uma substância. E, se pela diversidade das afecções, chegaríamos à mesma conclusão, pois, já que a substância é anterior às suas afecções (aos seus efeitos), considerada em si mesma (antes de suas afecções) só pode existir apenas uma substância.

Em segundo lugar, na proposição IX ele diz que “quanto mais realidade ou ser cada coisa tem, tanto mais atributos lhe competem”, ou seja, se concebemos uma substância única, infinita e necessariamente existente, é contraditório pensar que a partir dela, não se produzirão uma infinidade de atributos. Por fim, na proposição X ele sustenta que “cada atributo de uma substância deve ser concebido por si.” Um atributo, não é senão aquilo que o intelecto percebe da substância como constituindo a essência dela, e são os atributos, produções da substância, que exprimem sua essência numa infinidade de modos. Os atributos, portanto, pelo menos aqueles que podemos conhecer, isto é, a extensão e o pensamento, garantem que corpo e

²¹ Silva, Franklin Leopoldo, 2005, p. 68

mente, modos desses atributos, possam se relacionar sem recair, no âmbito teórico, no mesmo problema da teoria de Descartes.

Muitos comentadores irão denominar a relação entre pensamento e extensão – dois atributos de uma mesma substância - tal como se encontra em Espinosa, de *paralelismo*. Mas o que os leva a explicar essa relação de tal maneira, se Espinosa nunca utilizou o termo para caracterizá-la em sua teoria? *Em Espinosa e o problema da expressão*, Deleuze admite que o termo não se encontra na *Ética*, mas é usado por Leibniz, que se vale dele “por sua própria conta para designar essa correspondência entre series autônomas ou independentes.”²² Sendo assim, o termo não é utilizado por Espinosa para definir a relação mente e corpo - em sua própria filosofia - ele foi designado para caracterizá-la por outrem.

Vejamos o que diz a proposição 7 da parte II. Em seguida veremos o que se compreende por paralelismo e porque este termo é usado para caracterizar a relação mente/corpo na *Ética*. Segue a proposição sete: “a ordem e conexão das ideias é a mesma que a ordem e conexão das coisas.”²³ Através dessa proposição, Espinosa reafirma o que já havia dito desde a primeira parte da *Ética*: existe uma única substância, e por meio da potência dessa substância, são *produzidas* modificações infinitas e finitas. Os atributos infinitos exprimem a potência da substância, os modos finitos (existem os modos infinitos que mediam a passagem entre atributos infinitos e modos finitos, mas não entraremos nesse assunto) exprimem a substância de maneira determinada.

Ora, a substância, também compreendida como Deus ou Natureza, causa todas as coisas através de sua potência infinita, de modo que as ideias, frutos do atributo pensamento, e os corpos, frutos do atributo extensão, seguem-se de uma mesma substância, de uma mesma ordem e conexão, por essa razão o filósofo dirá no escólio da mesma proposição:

O que quer que possa ser percebido pelo intelecto infinito como constituindo a essência da substância pertence apenas à substância única e, por conseguinte, a *substância pensante* e a *substância extensa* são uma só e a mesma substância, compreendida ora sob este, ora sob aquele atributo. Assim também um modo da extensão e a ideia desse modo são *uma só e a mesma coisa, expressa, todavia, de duas maneiras*;

Após essa exposição o que podemos perceber? 1. Que Espinosa não é um dualista, pois concebe apenas uma substância. 2. Que as modificações da substância, são iguais, isso implica dizer que elas não são redutíveis umas às outras. Não há sobreposição entre a potência de ambas. Sendo assim,

²² Ver *Espinosa e o problema da expressão* 2017, p. 116-117 e as notas de rodapé dessas páginas.

²³ E II, prop. 7

Ao igualar ou equiparar as potências dos atributos, Espinosa demonstra que as ideias não são mais reais do que as coisas, nem estas mais reais do que aquelas e que a ordem e conexão das ideias e a das coisas não é determinada pelas primeiras sobre as segundas nem por estas sobre aquelas, mas sim pela potência única da substância.²⁴

Há, portanto uma relação isonômica entre os atributos da substância, pois se cada atributo deve ser concebido por si, como é dito na proposição 10, da parte I, não podemos pensar que tais atributos causam uns aos outros, já que é a essência da substância que eles exprimem e nenhuma outra. Dito isso, podemos vislumbrar uma das motivações presentes na aplicação do termo paralelismo à/para relação entre os atributos da substância, e conseqüentemente, aos modos que se seguem deles. Se os atributos não possuem uma relação de causalidade entre si, se são iguais em potência e se são independentes, por que não tentar torná-los mais inteligíveis através do conceito de duas retas que por definição não se tocam? Acerca disso, Chantal Jaquet dirá o seguinte:

Ora, se o termo “paralelismo” é cômodo de usar, na medida em que exprime bem a ideia de uma correspondência entre os modos dos atributos que exclui toda interação e toda causalidade recíproca, ele é acompanhado inevitavelmente de representações importunas que são nocivas à compreensão da unidade dos atributos e da união da mente e do corpo em Espinosa. A assimilação da identidade entre a ordem das ideias e a ordem das coisas, entre a mente e o corpo, a um sistema de paralelas conduz a pensar a realidade com o modelo de uma série de linhas similares e concordantes que, por definição, não se recortam.²⁵

Ora, se num âmbito temos atributos independentes e isonômicos, noutra temos os modos, expressões desses atributos, mente e corpo formando uma unidade dotada de intelecto e extensão, coincidindo numa individualidade que sabemos ser cada humano. Não podemos duvidar que mente e corpo se relacionam no indivíduo, já que assim o sentimos. Essa sensação de unidade entre corpo e mente é declarada pelas proposições 10 a 13 da parte II:

Na proposição 10, está exposta a distinção entre a essência da substância e a essência do homem, o que é de suma importância para compreendermos que o homem composto de mente e corpo é um modo da substância. Sendo assim, o homem não se iguala a ela. A substância possui existência necessária, já que ela produz a si e a suas afecções. O homem, por outro lado, não possui existência necessária, ele é produzido pelos atributos da substância, de tal maneira, que sem ela, ele não existe. Isso implica dizer que a essência do homem difere da essência da substância, mas também, que enquanto modo, o homem depende da essência

²⁴ Marilena Chauí, 2016 p. 17

²⁵ Jaquet, 2011, p. 25

da substância para existir. Vale ressaltar que o homem está sendo definido nessa proposição, como um modo da substância e, portanto, um indivíduo ou singularidade.

Sendo o homem um modo da substância composto de pensamento e extensão, o pensamento ou a mente desse modo produz ideias, assim como é de sua natureza fazê-lo. Mas qual é o conteúdo dessas ideias? Na proposição 11, Espinosa dirá que o que constitui o ser atual da mente humana é a ideia de uma coisa singular existente em ato. Dessa maneira, a mente humana constitui ideias não de uma coisa qualquer, e sim a ideia de algo que possui atualidade, em outros termos, que é atual e, portanto, presente.

O que possui existência atual, ou ainda, o que possui presença? Antes de responder à questão, o filósofo evidencia a capacidade de perceber e formar ideias da mente. Salientando que essa capacidade não pode ser tratada como algo contingente, mas que é da potência da própria mente formar ideias, ele diz na proposição 12:

O que quer que aconteça no objeto da ideia que constitui a mente humana deve ser percebido pela mente humana, ou seja, dessa coisa será dada *necessariamente* na mente a ideia; isto é, se o objeto da ideia que constitui a mente humana for corpo, nada poderá acontecer nesse corpo que não seja percebido pela mente.

Por fim, na proposição 13 é enunciado claramente que o objeto da ideia que constitui a mente humana é o corpo. Nas proposições anteriores, Espinosa prepara o leitor para essa conclusão, deduzindo aos poucos o que ele acredita ser necessário para chegar a ela.

Diante disso, como afirmar que corpo e mente não transpassam um ao outro se é apresentado o seguinte na proposição 13: “O objeto da ideia que constitui a Mente humana é o corpo, ou seja, um modo certo da extensão, existente em ato, e nada outro.”²⁶

O que há de se entender por relação ou união entre mente e corpo é justamente que a mente forma ideias de seu corpo, e sendo ideia do corpo, percebe tudo aquilo que se passa no corpo, ou seja, já que um corpo é afetado de muitas maneiras, a mente forma ideia dessas afecções. Não há causalidade entre mente e corpo, pois cada um se segue de seu atributo de maneira determinada, entretanto, como é da potência do atributo pensamento produzir ideias, um modo desse atributo produzirá ideias. E como é da potência do atributo extensão produzir corpos, um modo desse atributo produzirá corpos capazes de ser afetados e de afetar. Cada atributo exprime a essência da substância de uma maneira distinta, é por isso que os modos desses atributos podem se relacionar. Exprimindo-se em modos distintos sem se opor ou

²⁶ E, prop. 13

repelir, mas causando, através da essência da substância, uma *simultaneidade* entre coisas diferentes.

Tendo em vista tais considerações, apresentamos, a seguir, os problemas em definir a relação mente corpo como paralela.

Embora reconheça que o termo paralelismo não tenha sido cunhado por Espinosa, Deleuze dirá que ele convém muito bem ao sistema do filósofo, isso porque “ele estabelece a igualdade dos princípios, de onde decorrem as séries independentes e correspondentes.”²⁷ Deleuze acredita que o paralelismo adequado só pode se estabelecer tendo como base a recusa de toda eminência, de qualquer superioridade entre duas séries de coisas, que no caso, é como os atributos e os modos são concebidos na *Ética*.

Na mesma obra, ele observa três aspectos essenciais para que se possa caracterizar um sistema de “paralelismo” ou como ele denomina, as “três fórmulas do paralelismo”. Primeira: identidade de ordem ou correspondência entre modos de atributos diferentes. Segunda: identidade de concatenação ou igualdade de princípio. E terceira: identidade de ser ou unidade ontológica.

Quanto a primeira fórmula, podemos retornar à proposição 7 da parte II para entendê-la. “A ordem e conexão das ideias é a mesma que a ordem e conexão das coisas”. Lemos a confirmação de uma mesma ordem e conexão para duas series distintas, as ideias e as coisas, evidentemente há uma *identidade de ordem*, ou seja, as mesmas coisas seguindo-se de uma única. Na proposição 12 da mesma parte, encontramos a ratificação de que há uma *relação de correspondência* entre os modos, na medida em que o corpo é objeto da mente e nada pode ocorrer no corpo que a mente não perceba.

Quanto a segunda, nos deparamos com o conceito de autonomia entre os atributos, pois, para que haja *identidade de concatenação* nos atributos é necessário que eles sejam autônomos, mas, mais do que isso, é preciso haver uma isonomia entre eles, ou seja, os atributos da substância precisam ser iguais, sem nenhuma sobreposição de um pelo outro. O que notamos no escólio da proposição 7:

E portanto, quer concebamos a natureza sob o atributo extensão, quer sobre o atributo pensamento, quer sob outro qualquer, encontraremos uma só e mesma ordem, ou seja, uma só e mesma conexão de causas, isto é, as mesmas coisas seguirem umas das outras.

²⁷ Espinosa e o problema da expressão, 2017, p.118

Quanto a terceira, devemos considerar a consistência dos modos e de suas existências que “não apenas têm a mesma ordem e a mesma concatenação, mas também o mesmo ser”²⁸ Pois, “Um modo da extensão e a ideia desse modo são uma só e mesma coisa, que se exprime, entretanto, de duas maneiras.”²⁹ Isso implica dizer que dois modos, uma expressão do atributo pensamento, e outra expressão do atributo extensão, não são ontologicamente duas coisas distintas, pois os atributos exprimem uma mesma essência. É a isso que podemos denominar *identidade de ser*. A expressão se dá numa infinidade de maneiras ou de modos, mas o que é exprimido é sempre a mesma coisa.

Essas três fórmulas auxiliam na compreensão da razão pela qual Deleuze dirá que o paralelismo convém ao sistema de Espinosa. Para ele, o paralelismo deve ser dito somente dos modos, muito embora ele comece na substância e em seus atributos.

Uma vez que a produção da substância ocorre ao mesmo tempo, em todos os atributos, e existe correspondência entre atributos diferentes há, portanto, uma produção que se dá numa mesma ordem. Não devemos, contudo, ignorar a autonomia dos atributos, pois eles são realmente distintos, de tal maneira, que não há relação de causalidade entre eles. Os atributos são, portanto, distintos e autônomos, mas também isonômicos. Em outras palavras, eles são iguais. Não há eminência de um sobre o outro. Por esse motivo, há identidade de concatenação entre os modos que são produzidos por eles, e esses modos diferem apenas pelo conceito do atributo que envolvem.

Uma vez que os atributos compõem uma substância única, os modos se distinguem através de seus respectivos atributos, ou seja, formalmente, contudo ontologicamente formam uma mesma modificação. “A modificação não existe fora do modo que a exprime em cada atributo, mas ela é exprimida como essência absoluta da substância, a mesma para todos os modos que diferem pelo atributo”.

O sistema de Espinosa, - mais precisamente, seu caráter expressivo e imanente-garante, para Deleuze, que a relação entre os modos possa ser dita paralela. Por essa razão ele defende o uso do termo para caracterizar a relação mente corpo na *Ética*:

É que a conexão de expressão transborda a conexão de causalidade: isso vale para coisas independentes ou séries autônomas que não tem, uma com a outra, uma correspondência determinada, constante e regulada. [...] O modelo expressivo que ressalta da teoria de Espinosa: modelo “paralelista”, implica a igualdade de duas coisas que delas exprimem uma mesma terceira, e a identidade dessa terceira, tal como ela é exprimida nas outras duas.³⁰

²⁸ Espinosa e o problema da expressão, 2017, p.118

²⁹ E, prop. 7, esc.

³⁰ Espinosa e o problema da expressão, 2017, p.118-119

Na obra, *A unidade do corpo e da mente*, Chantal Jaquet discute acerca da inadequação do termo “paralelismo” para a filosofia de Espinosa. Para ela o termo paralelismo exclui o caráter interacional entre os atributos, sendo nocivo para pensar a unidade dos mesmos, assim como também os modos. A doutrina do paralelismo nos conduz a pensar de forma dualista, uma vez que produz a imagem de linhas que não se conectam, ainda que consideremos que elas se unem no infinito, concebendo um polo de unificação, segundo a autora, não é possível expressar através dela a unidade da constituição do indivíduo.

Para tornar mais conciso seu ponto de vista, Chantal revisa seu argumento, lembrando que as diversas expressões de uma mesma coisa em cada atributo vão no mesmo sentido e não podem divergir, em outras palavras, “a unidade das paralelas é dada pela identidade de sua direção.”³¹

Entretanto, o corpo e a mente não funcionam em paralelo: o corpo e a mente designam uma só e a mesma coisa, embora expressa de duas maneiras. E há divergência entre esses dois modos, como quando pensamos uma coisa e dizemos ou fazemos outra, isso ocorre porque essa união é bastante complexa, “de modo que sua unidade nada tem a ver com uma identidade estrita e gemelar”³²

Ela nega o termo paralelismo por acreditar que ele não figura no sistema de Espinosa, na medida em que a representação de series de linhas lineares não fazem jus a unidade da constituição do indivíduo e, portanto, a unidade entre corpo e mente. “A ideia de paralelismo incita à busca de uma tradução sistemática dos estados corporais e estados mentais, e reciprocamente. Ora, se eles vão em pares, não se exprimem necessariamente com paridade.”³³

Entendemos, portanto, que a união psicofísica não pode ser reduzida à “justaposição de dois monólogos que se correspondem termo a termo, sem que jamais haja uma expressão principal em um registro sem par no outro.”³⁴ Ora, se o corpo e a mente são uma mesma coisa na substância, isso não implica dizer que eles não se distinguem, tampouco que devemos colocar num mesmo plano movimentos corporais e pensamentos, buscando sempre uma equivalência entre eles. Sim, os modos são iguais, agem em simultaneidade, e estão inexoravelmente unidos, contudo unidade não implica uniformidade.

³¹ Jaquet, 2011, p. 27

³² Jaquet, 2011, p.29

³³ Jaquet, 2011, p.30

³⁴Jaquet,2011, p. 30

Portanto, não seria mais interessante, invés de importar um termo usado por outro filósofo, buscar na *Ética* e em outras obras de Espinosa sua própria compreensão acerca da relação mente e corpo? É a questão que Chantal nos traz ao problematizar o uso do termo. Defender que o termo igualdade se adequa muito melhor para definir a relação ente corpo e mente, é a conclusão à qual ela conduz o leitor. Mas, não se trata de uma igualdade homogênea que exclui precipitações ou diferenças, e sim, de uma igualdade que abarca a potência que cada modo manifesta, pois ambos são aptos a exprimir a diversidade contida em suas respectivas naturezas.

Apresentamos duas argumentações divergentes acerca do emprego do termo paralelismo à união psicofísica. Chantal é radical, se comparada a Deleuze no que diz respeito ao uso do termo paralelismo, negando-o veementemente. Contudo, embora um defenda que o termo não deve ser usado para caracterizar o sistema de Espinosa e o outro que o paralelismo convém perfeitamente ao sistema do filósofo, eles não se opõem num ponto essencial de suas argumentações.

O que está em jogo, quando se trata de recusar ou de aceitar o termo, é a noção de igualdade entre os modos dos atributos. Deleuze afirma: “é a igualdade dos atributos que dá ao paralelismo seu sentido estrito, garantindo que a concatenação seja a mesma entre coisas cuja ordem é a mesma.”³⁵ Chantal, evidencia:

Esse conceito, que uma leitura mais atenta dos textos já deveria há muito tempo ter posto em evidência para evitar perder-se nos meandros do paralelismo e desarmar seus efeitos perigosos, é o de igualdade. É a palavra exata que Espinosa emprega para exprimir o fato de que a potência de pensar em Deus é simultânea a sua potência de agir³⁶

Diante do exposto, o que podemos concluir? A relação mente e corpo em Espinosa pode ser chamada de paralelismo? Isso depende do que consideramos quando assim a denominamos.

O paralelismo pode ser apresentado de muitas maneiras. Longe de abarcarmos a teoria de forma ampla, e trazendo-a apenas como contraponto, Martial Guerout, por exemplo, defende um paralelismo que possui um aspecto extracogitativo e um intracogitativo, dividindo o atributo pensamento numa pluralidade que desconsidera que a ordem é a mesma para todos os atributos, e, além disso, recusa a unidade e igualdade dos atributos, introduzindo uma

³⁵ Espinosa e o problema da expressão, 2017, p.117

³⁶ Jaquet, 2011, p. 31

suposta superioridade ao atributo pensamento. Sob essa perspectiva, e pelo que já foi dito, o termo parece não se adequar.

Sabemos que os modos são isonômicos, que os atributos que abarcam esses modos são autônomos e iguais entre si, mas é cabível, considerar que essa união é muito complexa tanto praticamente, como teoricamente. De modo que ela não pode ser definida a partir do ponto de vista de um filósofo (Leibniz) que pensava os aspectos de seu sistema e não a de outro.

Na filosofia, sempre será possível fazer intervenções em sistemas alheios, renovando sentidos e buscando trazer para eles mais clareza, que é, entre outros, o trabalho de um comentador. Mas não podemos perder de vista o que é da maior importância, a obra que é o objeto de análise e estudo. Se assim ocorrer, cria-se algo que apesar de ter como base as ideias de determinado filósofo, pouco ou nada tem a ver com o que foi declarado pelo próprio. Certamente, tanto Deleuze quanto Chantal têm razão e fundamento em suas argumentações, de modo que, pouco importa como denominamos a relação mente e corpo, se temos em vista os princípios adequados à obra que servem base para uma definição.

2.2. o corpo e a mente, afecção e afeto

O objeto da mente humana é o corpo humano: a mente pensa o corpo, percebe o corpo. Desse modo, tudo que estiver no corpo e transpassá-lo, está e transpassa também a mente.³⁷ Para que possamos compreender adequadamente a natureza da relação entre mente e corpo, o filósofo nos propõe um caminho: se o corpo é objeto da mente, ou seja, se a mente pensa e percebe o corpo, é indispensável que conheçamos a natureza desse objeto. Espinosa estabelece algumas premissas para a compreensão dos corpos a partir da proposição 13 do livro dois.

Premissas sobre a natureza dos corpos (simples): Os corpos são singulares e estão em movimento ou em repouso. Por vezes, se movem mais lentamente, noutras, mais depressa. Através dos movimentos eles se diferenciam se tornam distintos uns dos outros. Para um corpo estar em movimento ou em repouso, ele foi determinado por outro corpo a estar nessa condição, e isso se segue infinitamente.

Um corpo em movimento se choca com um corpo que estava em repouso ou em movimento, se segue que seu movimento é interrompido. Um corpo em repouso se encontra com um outro corpo, se segue que o corpo em repouso se põe em movimento. Quando fala

37 “O objeto da ideia que constitui a mente humana é o corpo, ou seja, um modo definido da extensão, existente em ato, e nenhuma outra coisa.” E II, prop. 13

dos corpos simples, Espinosa está se referindo a uma natureza generalizada dos corpos, entretanto o que está em jogo, quer esse corpo seja simples ou composto, humano, animal, vegetal, mineral etc. mais que apenas movimento e repouso de um corpo singular, é como o encontro entre corpos, quaisquer que sejam, afeta, interfere e modifica a natureza de ambos e isso não cessa de ocorrer.

Premissas sobre a natureza dos corpos (compostos): O primeiro ponto quando se trata da natureza dos corpos compostos é a capacidade que possuem em ser afetados de diversas maneiras, na diversidade de corpos que os compõem (pois os corpos compostos compõem-se de corpos simples), e ainda sim, diante disso conservar sua natureza.

Espinosa pontua três tipos de corpos, são eles, os duros, os moles e os fluidos. Os corpos duros são considerados assim, na medida em que se justapõem em grandes superfícies, os moles se justapõem em pequenas superfícies e os fluidos, por sua vez, se movem por entre as superfícies. Um corpo humano é composto e constitui-se dos três tipos de corpos³⁸ e ainda que suas partes mudem de natureza a união entre eles, ou seja, a composição, a forma, permanece conservando-se.³⁹

Explicitamos que a natureza é uma grande visão para pensar os corpos compostos para além do corpo humano, pois tal como ele, é extremamente complexa e se compõe de uma pluralidade de indivíduos. Espinosa diz: “Conceberemos facilmente que a natureza inteira é um só indivíduo, cujas partes, isto é, todos os corpos, variam de infinitas maneiras, sem qualquer mudança do indivíduo inteiro.”⁴⁰

A mente e o corpo estão em relação imediata: o corpo diverso é o objeto da mente e tanto mais realidade possui a mente quanto mais diverso é o corpo. Já que o corpo humano se compõe de uma diversidade de indivíduos a mente poderá pensá-lo mais ou menos diverso, com mais ou menos possibilidades, tanto de afetar quanto de ser afetado. Pois é justamente essa capacidade, a de afetar e de ser afetado, que está em jogo, quando se trata da ideia que a mente forma do corpo e de como através disso agimos.

Mas o que tais considerações nos dizem sobre a natureza dos corpos e sua relação com a mente?

A ideia compõe-se, da mesma maneira que o corpo, de muitas ideias, isso porque, reiteramos, o corpo diverso é objeto da mente. A mente pensa o corpo, o percebe, forma ideias

38 Cf. E II, prop. 13 dem. do lema 6: “o que constitui a forma de um indivíduo consiste em uma união de corpos.”

39 Espinosa introduz o princípio da conservação dos seres, ou o que é o mesmo, *conatus*: capacidade inerente aos seres de perseverar na existência; O filósofo tratará sobre essa noção a partir do livro III. Cf. E III, prop. 6.

40 Cf. E II, prop. 13 esc. Esta proposição possui dois escólios, citamos aqui nos referindo ao último.

a partir das afecções produzidas. Se nossos corpos podem ser afetados de diversas maneiras, pelos mais diversos e distintos corpos externos, a mente também o será.

Disso se segue que a ideia que se forma no corpo através da afecção produzida no encontro é ideia de nosso corpo, mas, é também ideia *confusa* da natureza de outrem. Aqui é importante observar que essa ideia, que formamos da natureza de outro corpo, que não é o nosso em sentir interno, ou seja, essa percepção do outro corpo, diz mais sobre o nosso corpo, sobre como ele é afetado, e ainda, sobre o estado que esse afeto produz, do que sobre o corpo externo; por isso a ideia produzida nesse caso é uma “ideia confusa”.

Entretanto, ainda que essa ideia seja confusa, vale pontuar que a ideia da natureza de um corpo exterior não exclui, antes põe a existência em ato do corpo externo que é percebido enquanto presente. Mas isso também ocorre, quando ele não está presente ou até quando não existe. Isso porque a união entre corpo e mente, entre afecção no corpo e afeto na ideia, essa união é capaz de considerar como presente um corpo externo, ou seja, a imagem dessa coisa que é o outro corpo, mesmo que ele não exista ou não esteja presente, dado que uma vez foi afetado, o corpo é capaz de conservar esse afeto, tanto mais, quanto mais potente ele for.

Na parte II, Espinosa trata acerca da natureza da mente, mas sua passagem acerca da mente possui uma estrutura: o corpo atravessa a mente, e a mente pensa o corpo. Dessa união, e do encontro com outras uniões da mesma natureza, os corpos externos, são geradas afecções no corpo e afetos na mente. Há uma divisão aqui. Quando nos referimos aos corpos, diremos que eles produzem uma afecção, quando nos referimos às mentes ou às ideias, diremos que elas produzem afetos a partir das afecções produzidas no corpo.

A divisão, contudo, não separa corpo e mente, apenas nos faz retornar para o que Espinosa diz, ainda no início da obra: existem dois atributos que podemos conhecer, extensão e pensamento, existem os modos produzidos por esses atributos, corpo e mente, ou movimento e ideias, se quisermos, e um corpo não pode interferir num pensamento, assim como um pensamento não interfere num corpo. O filósofo propõe isso em seu sistema porque os atributos, sendo infinitos, não interferem um na natureza do outro porque são *distintos*. Se transportamos o mesmo enunciado para as modificações corpo e mente, podemos compreender a razão da divisão, ou melhor dizendo, da distinção de uma afecção, que se dá somente no corpo, e de um afeto, que se dá somente na mente. Por isso trazemos essa distinção ao nos referimos aos afetos.

É dessa maneira que se dá a coadunação: um é o objeto do outro, não há na mente um domínio sobre o corpo, nem o inverso ocorre. Eles são distintos um do outro e iguais em potência, já que são gerados a partir da essência de Deus que modifica-se infinitamente, ou

seja, os atributos. Esses, os atributos, são as modificações infinitas da essência de Deus, e produzem os modos, que por sua vez, são as maneiras nas quais a essência divina (a natureza) mostra-se em constante modificação, variando.

Partimos, então para a parte III: A origem e a natureza dos afetos. Questão que desde o início se põe, trazida aos poucos pela natureza do corpo, assim como também da mente.

CAPÍTULO 3: AFETOS E SUA RELAÇÃO COM A IDEIA ADEQUADA

Espinosa põe a questão “o que pode um corpo”⁴¹ no início do livro III, atestando que não conhecemos de antemão suas forças, ou seja, as várias maneiras pelas quais um corpo tece suas razões de composição, considerando as modificações (variações) que experimenta enquanto dura. Provoca, desse modo, a crença de que a mente pode pôr o corpo em movimento ou em repouso segundo sua vontade e, nesse ponto, deixa claro que nem o corpo pode determinar a mente a pensar, nem a mente pode determinar as relações entre movimento e repouso no corpo. Ambos são concebidos enquanto modificações finitas de uma única substância, modos finitos que são expressões da essência da substância que se exprime através dos atributos; cada modificação é expressa por um atributo: atributo extensão para o corpo, e atributo pensamento para a mente. Levando em consideração que são dois atributos distintos, a partir daqui, não sem razão, pode surgir uma questão: *como corpo e mente relacionam-se?*

Na parte II Espinosa irá tratar acerca desse problema, uma vez que ao se propor a discorrer acerca da natureza da mente, nessa parte da obra, e concebendo mente e corpo como uma única coisa expressa de duas maneiras, o filósofo trata também da natureza do corpo. Desse modo, as ideias para compreender como o filósofo conceitua a relação entre mente e corpo estão contidas, especialmente, na parte II.

A partir da proposição 11 da parte II, começa-se a esboçar de que natureza é a relação entre mente e corpo, na proposição 13 se segue a afirmação de que o corpo é o objeto da ideia da mente. Se “[...] o ser atual da mente humana não é senão a ideia de uma coisa singular existente em ato” (E, II prop. 11). E, na definição 7, quando o filósofo define o que concebe por coisa singular, a saber, que o singular é o que possui existência finita e determinada, então, o singular é o modo, a modificação dos atributos da substância. Como só concebemos

41 E III, prop. 2, esc.

dois modos, corpo e pensamento, e o corpo existe em ato enquanto coisa singular produzindo afecções, e a mente produz ideias a partir dessas afecções, é a partir do corpo, das afecções desse corpo, que a mente produz ideias, visto que, se existisse outro objeto para a mente humana, ela formaria ideias dele.

“Do que precede, compreendemos não apenas que a mente humana está unida ao corpo, mas também o que se deve compreender por união de mente e corpo.” (E, II, esc. 13). O que determina a mente a pensar é o atributo com o qual ela se relaciona (atributo pensamento) do mesmo modo o que determina o corpo às suas relações de movimento/repouso é o atributo com o qual ele se relaciona (atributo extensão). Contudo, isso não implica dizer que a mente não pode pensar o corpo através das afecções e formar ideias – afetos – a partir delas. Tampouco, que essas ideias capazes de produzir afetos, não possam incidindo sobre a(s) mente(s), gerar afecções no(s) corpo(s), ao contrário. Sob a ótica dos atributos corpo e mente são expressos de formas distintas por atributos distintos, sem por isso deixar de exprimir a mesma coisa, qual seja, a essência da substância. E enquanto modos finitos, corpo e mente concatenam-se intimamente formando um único modo composto finito existente, no qual um passa pelo outro, cada um segundo a maneira como se exprime. A relação entre mente e corpo dá-se justamente na passagem ou ainda no atravessar, naquilo que um toma e restitui ao outro, já que as modificações da substância estão a exprimir uma mesma essência, tal qual os atributos, de diferentes maneiras.

Se pensarmos no sistema do filósofo quando ele fala sobre essa união notamos que a questão “o que pode o corpo?” é uma provocação de extrema importância, em especial, para compreendermos como se dá essa relação entre mente e corpo. Se o corpo é objeto da mente, no sentido em que a mente pensa o corpo, como podemos pensar obter algum saber sobre a mente, ou mesmo dizer que a mente pode controlar o corpo, sem sequer chegar a pensar esse corpo?

Essa ligação que sentimos, sem dúvida, haver entre mente e corpo no sistema espinosano está dada na inteireza da relação entre ambos, no que o corpo dá para a mente, afecção, no que ela recebe dele e transforma em seu objeto, mas sem mantê-lo nos termos do corpo. Pensar o corpo não seria *apenas* senti-lo, mas formar uma ideia, afeto, transformar uma afecção, quer seja ela triste ou alegre, numa ideia, quer seja ela adequada ou inadequada.

O problema da união entre mente e corpo é central na obra de Espinosa, uma vez que essa relação carrega todo o princípio ético determinante das ações. O que nos leva a agir? Os afetos que a mente produz a partir das afecções do corpo, ou seja, as ideias que a mente

produz a partir da percepção de seu corpo. E aí há uma distinção importante no conceito de ideia, a saber, existem dois tipos de ideias, ideias adequadas e ideias inadequadas.

Apenas o conhecimento através das noções comuns da razão ou do que ele irá chamar de ciência intuitiva nos permite apreender a realidade segundo sua natureza. Não iremos, contudo, seguir o percurso epistemológico, já que por hora nosso problema é outro.

Para agir em conformidade com a própria natureza, ou seja, em acordo com o seu apetite ou desejo, é preciso formular ideias adequadas e para chegar aí, é imprescindível pensar o corpo, pois não seria ele um ponto de partida para a ação, já que consideramos que é a partir dele que experimentamos o mundo? Pensar o mundo e agir nele torna-se pensar o corpo: como esse corpo é afetado? De muitas maneiras, certamente. Mas que é que aumenta e diminui a potência de agir desse corpo? O que faz com ele composições e decomposições?

O corpo enquanto um modo existente que exprime uma essência que é uma modificação da essência da substância, essência que por ser uma modificação é definida e determinada, é composto de corpos compostos ou indivíduos e define-se através das 1. Relações de movimento e repouso, 2. O poder de afetar e de ser afetado 3. Sua essência: *Conatus*.

As relações de movimento e repouso são axiomáticas para definir um corpo, todos percebemos, ora ele se move mais lentamente, ora mais velozmente. É por meio desta variação, movimento/repouso, que os corpos se distinguem entre si, que estabelecem com o corpo que lhe é próprio e com os outros corpos, distinções de natureza singular.

A capacidade de afetar e ser afetado define um corpo na medida de sua potencialidade. Os corpos são capazes de afetos, ou seja, de produzir afecções e em detrimento disso variar, passar de um estado a outro. Essa variação compreende o aumento ou a diminuição da potência do corpo e da mente. Tal capacidade compreende-se por meio das composições que se formam através da união entre uma afecção e uma ideia, a capacidade de afetar e de ser afetado se desenvolve na relação de um corpo com os outros corpos, de uma mente com outras mentes. Quanto mais um corpo é capaz de afecções, tanto mais a mente é capaz de formular ideias, é uma relação diretamente proporcional.

O *Conatus* é a essência atual do indivíduo e se define enquanto esforço para perseverar em seu ser por tempo indefinido. *Conatus* é o mesmo que esforço (para perseverar em seu ser) e desejo. O filósofo fará uma distinção: é vontade se referido apenas a mente e apetite se referido simultaneamente à mente e ao corpo, entretanto não há discordância entre um e outro, uma vez que através desse desejo, a mente afirma a existência do corpo, ela se efetua através dele.

Segue-se disso que um corpo é capaz de movimento/repouso e de produzir afecções que o fazem variar, que por sua vez, engendram ideias, o que Espinosa chamará afetos. Todo esse circuito está interligado pelo desejo (*Conatus*) que opera enquanto capacidade de perseverar em sua natureza. Um corpo encontra-se com outro, produz-se uma afecção, a mente percebe a afecção no corpo e produz uma ideia a partir dela, ou seja, produz um afeto que aumenta ou diminui sua capacidade de permanecer efetuando-se em acordo com sua natureza.

O Afeto é uma noção ampla que compreende tanto as noções de ação, quanto de paixão. É afecção no corpo e ao mesmo tempo ideia na mente. E compreende em si o aumento ou a diminuição da potência de agir da união mente e corpo. Um afeto é ação quando a ideia produzida a partir de uma afecção é adequada, ou seja, quando está determinada pela própria natureza do corpo. É paixão quando a ideia produzida a partir de uma afecção está exteriormente determinada. Por afeto, devemos entender o conjunto: uma ideia que se forma na mente, através de uma afecção que foi produzida no corpo (por outrem ou por si). Portanto, pode-se notar que a noção de afeto compreende, de antemão, a relação entre mente e corpo, ou seja, o conjunto mente e corpo produz os afetos e somente considerando essa relação podemos falar em afetos.

Dessa maneira, percebemos por que o problema da relação entre mente e corpo é imprescindível quando consideramos o sistema que Espinosa constrói, uma vez que a união entre mente e corpo está dada na relação do objeto com aquilo que o concebe enquanto conceito, veremos surgir espaço para o agir ou padecer, a depender se a ideia que se forma através das afecções do corpo é adequada ou inadequada.

3.1 O que é uma ideia adequada?

A questão principal é o que um afeto engendra no composto humano, como já dito, o aumento ou a diminuição da potência de agir. Isso torna evidente que um afeto, engendra e constitui a capacidade de variar, de um corpo e de uma mente. Nossa atuação no mundo, nossas ações, são precedidas por afetos, ou seja, pelas ideias que formamos acerca das afecções. É precisamente aí que o afeto se liga à ação, mas apenas na medida em que ele surge de uma ideia adequada e enquanto causa adequada, sendo assim, dessa ação parte um efeito que se compreende pela natureza de sua causa.

São dois os tipos de ideias que a mente pode produzir por meio de uma afecção, as ideias adequadas e as ideias inadequadas. Uma ideia adequada produz uma ação, conquanto, uma ideia inadequada produz uma paixão. É no que a ideia irá produzir, no efeito que irá gerar, que está a primeira distinção entre os dois tipos de ideias. Por ideia adequada devemos entender uma ideia que irá produzir um efeito que poderá ser entendido por meio da natureza da mente que produz a ideia; por ideia inadequada, em contrapartida, entenderemos um efeito produzido através de uma ideia que não pode ser entendido apenas por meio da mente que concebe aquela ideia, nesse sentido a ideia inadequada é uma causa parcial, conquanto uma ideia adequada abarca a natureza do desejo, ou seja, está em acordo com o princípio de conservação presente em todo indivíduo.

Padecer ou agir depende exclusivamente da ideia, afeto, que a mente produz por meio de uma afecção que se dá no encontro entre os corpos.⁴² Para além disso depende do adequado conhecimento que a mente pode produzir acerca de seu corpo e da natureza, isso porque uma paixão irá gerar afetos tristes e uma ação irá gerar afetos alegres que são, segundo Espinosa o que irá orientar a adequada compreensão do desejo, ou seja, do *Conatus*, na medida em que o corpo e a mente em conjunto, buscam aquilo que lhe é útil, ou seja, o que considera bom, e afasta-se daquilo que lhe é contrário, o mau. É importante destacar que enquanto busca aquilo que lhe é bom, o indivíduo de que nos fala Espinosa não deve ser considerado como estando à parte da natureza e da sociedade. Acerca disso dirá: “O bem que cada um que segue a virtude apetece para si, ele também o desejará para os outros homens, e tanto mais quanto maior conhecimento de Deus ele tiver.”⁴³

Dissemos que uma ideia adequada é uma ideia que compreende sua causa, ou seja, que o efeito que surge a partir dessa ideia compreende sua causa, iremos expor com mais clareza o que isso quer dizer. No *Tratado da Reforma do Entendimento*, Espinosa desenvolve um método para se chegar a ter uma ideia adequada, este possui duas partes, das quais, Deleuze dirá: “O objetivo da filosofia primeira ou a primeira parte do método não consistem em nos fazer conhecer alguma coisa, mas em nos fazer conhecer nossa potência de compreender.”⁴⁴ e, “A segunda parte diz respeito ao conteúdo da ideia verdadeira, isto é, a ideia adequada.”⁴⁵ Uma ideia adequada é sempre verdadeira, mas ainda, segundo o método, qualquer ideia é verdadeira. E é a partir dessa ideia verdadeira que chegaremos a formar um conhecimento

42 E III, prop. 3

43 E IV, prop. 37

44 Deleuze, 2017, p. 140

45 Idem, 2017, p.144

adequado, pois partindo de uma ideia e refletindo acerca dessa mesma ideia, exerce-se o caráter reflexivo da ideia: a ideia da ideia. Esse caráter reflexivo comporta nossa potência de conhecer, já que ele se afirma enquanto reflexão de uma ideia qualquer que não está ligada a um objeto, ou seja, que não possui materialidade, mas se manifesta através do intelecto humano, esse que é parte do intelecto divino e por isso expressão dele; por isso a ideia da ideia ou ideia reflexiva, não tem necessidade de estar ligada a um objeto, pois liga-se antes à própria potência de pensar, compreender e conhecer.

Portanto a primeira parte do método é a reflexão, é o pensamento que pensa uma ideia na tentativa de entender o que é uma ideia verdadeira distinguindo-a das demais. Vale ressaltar que Espinosa não está falando de distinguir ideias verdadeiras de ideias falsas. Toda ideia é verdadeira, pois a falsidade envolve uma negação, enquanto uma ideia envolve uma positividade: a expressão de uma parte do intelecto de Deus enquanto ele é a causa das ideias na medida em que é afetado de muitas ideias.

Uma ideia adequada é aquela que será composta de outras ideias presentes na mente sem estar ligada a ideias de outras coisas, por isso ela pode ser entendida enquanto causa adequada. Ou seja, ela se explica somente pela natureza da mente, na medida em que compreende algo completamente. Para Espinosa o conhecimento humano é uma expressão finita do conhecimento divino, sendo assim, conhecer algo implica dizer que Deus, não enquanto é infinito, mas enquanto é afetado de muitas ideias tem tal ou tal ideia, ou ainda que a mente é uma expressão finita do intelecto infinito de Deus.

Dessa maneira uma ideia adequada exprime não só a essência divina enquanto causa, mas também a natureza da mente que tem essa ideia, e por isso do corpo que compõe o indivíduo que a pensa, sendo assim, ela é adequada na medida em que está em acordo com o desejo, ou ainda quando se está internamente determinado, quando um efeito de uma ação pode ser concluído apenas daquele indivíduo.

Agora que foi dito o que é uma ideia adequada, percebemos que agir não é apenas se mover para fazer alguma coisa, mas engloba a concordância do corpo e da mente com o *Conatus* do indivíduo. É preciso estar internamente determinado para agir, caso contrário mesmo o maior movimento será tido como passional ou inadequado/parcial.

3.2. *Conatus*

O livro três da *Ética* é um estudo acerca dos afetos e das relações humanas. Na proposição seis desse livro, podemos encontrar a definição do que Espinosa denomina *Conatus*, que nada mais é que o esforço para perseverar em sua essência atual. A partir dessa proposição podemos inferir que a essência de uma coisa qualquer é sua potência, ou seja, sua essência é igual a sua força atual. O desejo possui centralidade quando passamos a tratar acerca dos afetos na *Ética* espinosana, isso porque, em conjunto com a alegria e a tristeza será considerado como afeto primário. Implica dizer que os demais afetos que serão considerados e explicados são provenientes de um dos três primários.

No que diz respeito ao desejo ou ao *Conatus*, essa força essencial que impele o agir, importa saber que ele norteia toda a ação. Como tentamos apresentar no ponto anterior, uma ação só pode surgir de uma ideia adequada, por definição. Dessa maneira conceber uma ideia adequada é o mesmo que compreender o desejo que é singular e mutável⁴⁶

46 E III, prop. 57 e dem

CONCLUSÃO

No presente trabalho, sobre a *Ética* de Espinosa, tratamos da noção de afeto elaborada pelo filósofo holandês. Tínhamos desde o início a intenção de compreender como se dá o *campo afetivo espinosano*; e tal compreensão foi perseguida durante todo o nosso tratamento da obra mencionada. Além disso, tendo o conceito de *campo afetivo* como bússola, buscamos tratar quais implicações poderiam ser ressaltadas para nós e para possíveis leitores. Uma vez que devemos tomá-lo como um conceito amplo e complexo que perpassa em seu desenvolvimento as principais áreas da Filosofia, isto é, ontologia, epistemologia, estética e o campo da ação ética.

Ao tecermos nossas considerações sobre o texto espinosano, interpelamos os conceitos seguindo a ordem da obra. Assim, iniciamos com a discussão acerca do conceito de Deus (Substância ou Natureza), que muito embora tenha seus próprios desdobramentos na obra de Espinosa, possui características em comum com outros sistemas filosóficos, a saber, unicidade, infinitude, liberdade (não coercitiva), causa primeira ou essência produtora. Nisso, para nosso autor, da essência de Deus seguem-se infinitas coisas: os atributos e os modos, por exemplo, são algo derivado de Deus e implicam e explicam Deus na medida em que existem nele.

Em vista disso, logo quando pensamos nosso trabalho em seu fundamento, não tínhamos a intenção de tratar acerca de Deus ou do caráter metafísico/ontológico da filosofia de Espinosa; entretanto, a obra é tão imbricada em nuances metafísicos que não foi possível simplesmente pular para o que era de nosso maior interesse, isto é, os afetos. Não era de bom tom abandonar aquilo que antecedia nosso foco central.

Ao tratarmos de Deus e seus atributos, percebemos a necessidade de investigar seus modos, pois é a partir deles que emerge o humano, ou melhor, os modos constituem o humano. O corpo e a mente são o humano. Passamos, então, a buscar como se dá a relação entre esses modos (isto é, o corpo e a mente). Essa questão se tornou central em nosso

trabalho, tanto que tratamos dela quase que ao longo de todo nosso projeto, embora sem dúvida não a tenhamos esgotado. A partir da busca por assimilar e bem tratar a relação mente/corpo em Espinosa, foi possível conceber distinções importantes, tais como: o que é uma paixão? o que é uma ação? por que agir e padecer dependem da ideia que formamos de uma afecção? por que agir eticamente está atrelado não necessariamente a valores morais e normas sociais, mas à compreensão que se tem de sua própria essência?

Por isso, escolhemos trabalhar a *Ética*, porque nela Espinosa lança luz sobre a complexidade dos afetos humanos e suas raízes na natureza divina. Ao abordar os afetos e paixões como elementos intrínsecos à experiência humana, somos levados a considerá-los como parte crucial da nossa natureza, tanto quanto consideramos e enaltecemos a racionalidade. E é através disso que o filósofo holandês desafiou e ainda segue desafiando concepções convencionais e nos convidando a uma reflexão profunda sobre a interseção entre mente, corpo, divindade, afetividade e um viver ético.

Sendo assim, não podemos escolher se seremos afetados ou não: quando um corpo entra em contato com outro, inevitavelmente sofrerá uma afecção e formará uma ideia dessa afecção.

Essa dimensão necessária das afecções e dos afetos, nos encoraja a explorar nossos corpos e mentes assim como os corpos e mentes de outros. Para nosso autor, somos convocados a transcender abominações e ridicularizações, e a abraçar uma compreensão mais ampla e inclusiva da condição humana. É através desse pensamento ousado (embora não tão inovador, já que Descartes também estudou a natureza das paixões), que podemos aspirar a uma maior compreensão e aceitação dos afetos, das paixões e das ações humanas.

Ademais, para concluirmos estas considerações finais, acreditamos que nosso trabalho pode contribuir academicamente para aqueles que desejam entender um pouco mais sobre os conceitos abordados na *Ética* e seus desdobramentos para o âmbito da Filosofia. Contudo, não estamos falando da *Ética* como um todo, mas sim dos conceitos que Espinosa expõe até a parte III, já que não foi possível nos aprofundarmos em outras considerações do autor como a liberdade, a virtude, entre outras, as quais ele só vem a tratar na parte V. De todo modo, não era nossa intenção esgotar a obra, se é que isso é possível.

Por fim, nosso intento foi fomentar a discussão acadêmica acerca da noção de afeto naquela que é a principal obra de Espinosa. E fizemos isso partindo de nossa singularidade e interesses filosoficamente pessoais. Reconhecemos que nosso trabalho está longe da perfeição, e que poderíamos continuar a desdobrar os conceitos que se seguem da noção de afeto. Todavia, para um primeiro contato com a filosofia de Espinosa, bem como para um

trabalho de conclusão de curso, que visa mostrar nossa capacidade de lidar com a filosofia e seus conceitos, cremos ter feito um trabalho coerente e satisfatório.

REFERÊNCIAS

- ESPINOSA, Benedictus de. **Ética**. 1. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2021.
- DELEUZE, Gilles. **Espinoza**: filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002
- DELEUZE, Gilles. **Espinoza e o problema da expressão**. São Paulo: Editora 34, 2017
- JAQUET, Chantal. **A unidade do corpo e da mente**: Afetos, ações e paixões em Espinoza. Belo horizonte: Autêntica Editora, 2011
- CHAUÍ, Marilena de Souza. **Espinoza**: uma filosofia da liberdade. São Paulo: Moderna, 1995
- CHAUÍ, Marilena. **A nervura do real**: imanência e liberdade em Espinoza, volume II: liberdade. São Paulo: Companhia das letras, 2016
- SILVA, Franklin Leopoldo e. **Descartes**: a metafísica da modernidade. São Paulo: Moderna, 1993